



Co-funded by
the European Union



Stories 4 empowerment

2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380

**Trabalhar o valor:
DEMOCRACIA**



ÍNDICE

Trabalhar o valor: Democracia.....	03
“A rebelião de Zanj”.....	04
Trabalhar o valor: Democracia.....	05
“A princesa que se transformou numa amendoeira”.....	06
Trabalhar o valor: Democracia.....	07
“O rato, o pássaro e a salsicha”.....	08
Trabalhar o valor: Democracia.....	11
“Um amigo”.....	12
Trabalhar o valor: Democracia.....	15
“Os músicos da cidade de Bremen”.....	16
Trabalhar sobre o valor: Democracia.....	18
“A Roupas Nova do Imperador”.....	19



Trabalhar o valor: Democracia

Reescrever A Rebelião de Zanj de forma a realçar os valores da democracia é importante porque realça a forma como a participação política pode promover a igualdade e resolver conflitos sem recorrer à violência.

A democracia garante que todos os indivíduos, independentemente do seu estatuto social ou económico, têm voz ativa na tomada de decisões. No contexto histórico da Rebelião de Zanj, os Zanj foram marginalizados e não tinham poder político, o que acabou por conduzir à sua revolta violenta. Se os Zanj tivessem podido participar num sistema democrático, com direito de voto e de eleição de representantes, poderiam ter resolvido as suas queixas através de meios pacíficos, como a votação de reformas para melhorar as suas condições. A democracia ter-lhes-ia permitido defender um melhor tratamento e políticas mais equitativas, reduzindo a probabilidade de resistência violenta.

Reescrever A Rebelião de Zanj com a implementação do valor da democracia torna a história mais relevante para as discussões contemporâneas sobre direitos políticos, igualdade e justiça. Ao dar prioridade à importância da democracia, a história reescrita mostraria como a participação política é essencial para resolver questões sistémicas e evitar revoltas. A história reescrita também poderia mostrar como as coisas poderiam ter mudado se a revolta tivesse ocorrido num contexto democrático, através do exercício do direito de voto, que é muito importante para a nossa sociedade.

“A rebelião de Zanj”

Muito antes de os escravos africanos serem trazidos para a América do Norte, incitaram uma rebelião no Médio Oriente e entraram em conflito com um império. A revolta começou em 869 d.C., quando os escravos Zanj - termo árabe utilizado para descrever os africanos orientais - uniram forças com um revolucionário árabe chamado Ali bin Muhammad e se rebelaram contra o califado abássida. Estimulados por promessas de terra e liberdade, os Zanj começaram a efetuar incursões nocturnas nas cidades vizinhas para se apoderarem de mantimentos e libertarem outros escravos.

O que começou por ser uma humilde revolta transformou-se lentamente numa revolução em grande escala que durou 15 anos. Escravos, beduínos e servos juntaram-se aos rebeldes, que, no seu auge, terão sido mais de 500 000. Estes revolucionários chegaram mesmo a reunir uma marinha e a controlar até seis cidades fortificadas no atual Iraque. A rebelião de Zanj terminaria finalmente no início da década de 1880, depois de o exército abássida se ter mobilizado e capturado a capital rebelde. Ali bin Muhammad foi morto na batalha, mas muitos dos Zanj foram poupados e foram mesmo convidados a juntar-se ao exército abássida.



Trabalhar o valor: Democracia

Nesta história, é realçado o valor da democracia e a forma como esta afecta a vida. Por um lado, há a esposa dedicada que ama e respeita o marido que adoece por estar longe do seu país, mas a esposa sacrifica o seu amor e felicidade pela felicidade e bem-estar dele, aceitando assim as diferenças e outros aspetos das pessoas. Nesta história, a democracia prevalece. Esta forma permite ao povo exercer o controlo e assegurar a proteção dos direitos naturais e das liberdades civis.

“A princesa que se transformou numa amendoeira”

Era uma vez uma princesa chamada Fílis que se apaixonou por um jovem de Atenas, Demofonte, que era filho do herói Teseu. Os dois jovens conheceram-se quando o navio do jovem Demofonte regressava de Troia. Casaram-se mas, passado algum tempo, o jovem ateniense adoeceu por saudades da sua cidade natal. A princesa enamorada, incapaz de o ver triste, deixou-o regressar acreditando que se ele a amasse realmente voltaria e seria então verdadeiramente seu.

Assim aconteceu e a enamorada Phyllis ficou sozinha à espera do seu escolhido durante anos, até que finalmente definhou e morreu de desgosto. Mas os deuses do Olimpo, que conheciam a sua história, transformaram-na numa árvore para que ela pudesse esperar mais anos pelo seu amante. Assim, a rapariga apaixonada não morreu, mas transformou-se na árvore que viria a ser um símbolo de esperança: a amendoeira. Passados muitos anos, num inverno, Demofonte regressou à Trácia e encontrou a sua amada e fiel esposa, não rodeada de pretendentes, mas uma árvore seca e sem folhas no meio da paisagem gelada. Desesperado e cheio de remorsos, Demofonte abraçou-a e, em pleno inverno, ela recebeu uma chuva de flores.



Trabalhar o valor: Democracia

Esta história pode ser reescrita para realçar a confiança, a partilha, a bondade, a igualdade e a democracia. Todas as pessoas têm capacidades e papéis únicos que contribuem para o sucesso de um grupo. A perturbação destes papéis sem compreender a sua importância pode levar ao fracasso. A inveja e a insatisfação podem perturbar a harmonia e causar conflitos desnecessários.

Dar ouvidos a opiniões externas sem reflexão crítica pode levar a decisões que prejudicam o bom funcionamento do sistema. A história realça o valor da democracia e da igualdade no trabalho de equipa e o respeito mútuo.

“O rato, o pássaro e a salsicha”

Era uma vez um rato, um pássaro e uma salsicha que viviam juntos na sua casa. Todos a mantinham juntos, pois eram muito queridos, e a paz e a felicidade reinavam na sua casinha, pois cada um fazia o seu trabalho.

A tarefa do pássaro era voar todos os dias para a floresta e trazer madeira para casa. O rato tinha de levar água do poço, acender o lume e preparar a mesa. E o chouriço tinha-se encarregado de cozinhar. Mas neste mundo, quem se diverte com o que tem, não lhe dá valor e quer experimentar algo diferente. Assim, um dia, o passarinho encontrou outro pássaro na floresta, que o gozou por ter uma vida tão boa e por estar a trabalhar arduamente na floresta, enquanto os seus outros dois amigos desfrutavam do calor da casa.

- És muito tolo, para te cansares tanto e carregares a lenha da floresta. Os outros dois estão a aproveitar-se de ti porque fazem trabalhos fáceis em casa, disse-lhe ela.

Quando o ratinho acendeu o lume e tirou água do poço, sentou-se na sala de estar até à hora de preparar a mesa. E o chouriço, que era o cozinheiro, só tinha de ficar perto da panela para ver a comida a ser cozinhada. Quando chegava a hora de jantar, o chouriço ia para a panela, dava-lhe uma voltinha entre os legumes, e assim a comida ficava deliciosa e pronta para ser saboreada. Depois veio o passarinho da floresta. Todos se sentaram à mesa para comer e depois foram para as suas camas, onde dormiram descansados até à manhã seguinte. Mas no dia seguinte, porque acreditou no que o seu amigo lhe disse, o passarinho recusou-se a ir à floresta carregar lenha.

Durante muito tempo, tornou-se o servo dos outros, disse. É altura de as coisas mudarem, de cada um fazer um trabalho diferente, para variar.

O rato e a salsicha tentaram convencê-lo, mas o pássaro não se convenceu. Sendo o chefe da casa, disse-lhes que deviam pelo menos fazer um esforço. Então tiraram à sorte.

A salsicha ficou com a tarefa de ir à floresta buscar lenha, o ratinho de cozinhar e o passarinho de tirar água do poço, acender o lume e pôr a mesa. Mas qual foi o resultado? A salsicha foi à floresta buscar lenha. O passarinho acendeu a fogueira e o ratinho pôs a panela de comida ao lume. Depois, ambos ficaram à espera que a salsicha voltasse para casa, com a lenha para o dia seguinte. Mas a salsicha estava a demorar muito tempo a aparecer. Os outros dois ficaram preocupados. Pensaram que ia acontecer alguma coisa má. Por isso, o passarinho voou para a floresta para ver o que tinha acontecido ao seu companheiro.

Um pouco para lá da sua casinha, encontrou um cão. O cão tinha visto a salsicha, tinha-a agarrado e estava a comer a infeliz salsicha. O passarinho queixou-se ao cão do seu comportamento, mas nada aconteceu. O cão disse que tinha o direito de comer a salsicha, pois tinha-a encontrado na rua e tinha fome!

Triste, o passarinho juntou a sua lenha sozinho, carregou-a e levou-a para casa, onde contou ao rato tudo o que viu e ouviu. Os dois ficaram muito tristes, mas decidiram ficar juntos e fazer o melhor que pudessem. E assim, o passarinho preparou a mesa, enquanto o ratinho começou a cozinhar a comida.

Quando chegou a altura de comerem, o ratinho saltou para a panela, como fazia o chouriço, para mexer e misturar os legumes. Mas antes de chegar ao meio do caldo a ferver, ficou sem pêlos e sem pele e, por fim, o infeliz ratinho queimou-se e morreu. Quando o passarinho quis comer, não encontrou o cozinheiro, o rato, em lado nenhum. Deixou a lenha no chão e procurou aqui e ali, mas o rato tinha desaparecido.

Como ele tinha deixado a madeira no chão por descuido, esta pegou fogo e, em pouco tempo, toda a casa estava a arder. O passarinho correu para ir buscar água ao poço para apagar o fogo. Mas o balde escorregou-lhe e caiu no poço, puxando também o passarinho para dentro. Ele tentou sair, mas em vão! O passarinho afogou-se na água do poço.





Trabalhar o valor: Democracia

Esta história dá ênfase à democracia, à responsabilidade e à colaboração para criar uma sociedade mais funcional. A democracia promove a coesão social e aborda os desafios da sociedade. Permite que os indivíduos tenham voz ativa na formação das suas comunidades e garante a responsabilização.

“Um amigo”

Era uma vez dois irmãos. Garifalia e Dimitris. Estes dois irmãos pareciam, à primeira vista, gémeos. Infelizmente, não tinham amigos porque toda a gente pensava que eles eram malucos por causa da sua imaginação. Tinham 8 anos e não conheço nenhum outro miúdo que não fosse tão, tão aventureiro. Bem, eles gostavam muito do espaço e um dia decidiram fazer uma viagem ousada. Pegaram no foguetão do tio, que era astronauta, e começaram por deixar uma carta aos pais. A carta dizia o seguinte

Caros pais,

Não se preocupem se não nos encontrarem. Não podemos dizer-vos agora onde estivemos, mas assim que regressarmos descreveremos tudo em pormenor. Vemo-nos daqui a alguns meses.

Com amor, os vossos filhos,

Garifalia e Dimitris

Quando os pais leram esta carta, ficaram muito tristes e ansiosos. Mas sabiam que os seus filhos iriam sobreviver graças à sua imaginação e ao seu gosto pela aventura. Como poderiam imaginar que os seus próprios filhos estavam a afastar-se da vasta (para eles) terra. Passado algum tempo, as crianças quase chegaram ao espaço. Estavam tão contentes por o tio lhes ter mostrado como funciona.

Na verdade, estavam orgulhosas por ele ter confiado nelas e tê-las deixado sozinhas a lidar com uma nave espacial! Depois de terem feito uma aterragem muito suave, ficaram surpreendidos ao verem uma pedra enorme com um buraco bastante grande. Deram um passo em frente e ficaram sem palavras perante o que viram. Criaturas púrpuras, minúsculas e cheias de graça, puseram as suas cabecinhas de fora cheias de curiosidade e um pouco de medo. Garifália e Dimitris aproximaram-se ainda mais.

Então, para sua surpresa, as estranhas criaturas roxas falaram! E não era só isso, também falavam grego! A língua das duas crianças! Então disseram-lhes:

- Vocês são crianças muito boas, nós sentimos isso!

- Muito obrigado! Eles respondem-lhes com uma só boca.

Depois, no meio do mato, vêem outro extraterrestre verde, desta vez sozinho. Vão discretamente e aproximam-se dele.

- Seu pequeno e engraçado extraterrestre! O que é que estás a fazer aqui sozinho? Vamos brincar lá fora juntos!

- Os outros extraterrestres não querem que eu brinque e fale com eles. É melhor eu ficar aqui.

- Mas porque é que eles não te querem? Tu és muito bom.

- Eu sou verde...

- E então?

- Sou diferente...

- Melhor ainda porque te vais destacar!

- Eles não vêem as coisas assim.

- Lamentamos muito. Queres ser nosso amigo?

- Dizem mesmo isso?

- Claro, nós também não temos amigos.

- Perfeito! Como é que vocês se chamam?

- Garifalia e Dimitris. E tu?

- Eu não tenho nome...

- Não faz mal. A partir de hoje, chamar-te-ás Bobbi!

- Nome perfeito, obrigado!

- Belo extraterrestre Bobbi!

Assim, com estas palavras, exploraram o planeta, tiraram fotografias e partiram para a sua casa na Terra.

Passados meses, as crianças foram ter com os pais, apresentaram-lhes o Bobbi e descreveram-lhes tudo ao pormenor, como lhes tinha sido prometido na carta. Mas um dia, assim que acordaram, não encontraram o Bobbi na sua cama verde e bem feita. Ficaram preocupados. Depois viram uma carta. Era do Bobbi e dizia o seguinte:

-Meus queridos amigos, peço desculpa por não me ter despedido de vocês. Não se preocupem, voltarei dentro de alguns dias. Fui para o espaço para ver se o resto dos extraterrestres sobreviveram. Se quiseres conhecer-me, tenho uma máquina na nave espacial do teu tio. Tens de carregar no botão verde para apareceres à minha frente e no botão vermelho para voltares para casa. -Eu também tenho uma.

A tua única amiga, Bobbi.

Depois de a lerem, ficaram aliviados. Depois de contarem aos pais, foram à procura dele. Finalmente, o resto dos extraterrestres tinha desaparecido e Bobbi teve muita sorte por os seus amigos o terem levado dali. Regressaram à Terra e viveram para sempre sozinhos.



Trabalhar o valor: Democracia

Esta história realça o valor da democracia. É muito importante mostrar a democracia, mostrando que os animais encontram uma solução para os seus problemas de forma independente e democrática e se mantêm unidos.

"Os músicos da cidade de Bremen"

Era uma vez um moleiro que tinha um burro que carregava incansavelmente os sacos. Quando o burro envelheceu e já não podia fazer o trabalho, o moleiro quis levá-lo embora. Então o burro fugiu e decidiu ir para Bremen para ganhar a vida como músico da cidade. Passado pouco tempo, viu um cão de caça na berma da estrada, com falta de ar. O burro perguntou-lhe o que se passava. O cão disse que tinha ficado demasiado velho para caçar e que o seu dono queria bater-lhe até à morte. Ele tinha fugido, mas não sabia o que fazer agora. O burro disse: "Vou para Bremen para me tornar um músico da cidade. Vem comigo, eu toco o alaúde e tu bates os tímpanos". O cão concordou e foi com ele.

Pouco depois, viram um gato sentado tristemente junto à estrada. A gata disse que era demasiado velha para apanhar ratos, por isso a mulher quis afogá-la. Depois fugiu, mas não sabia o que fazer. "Vai connosco para Bremen", disse o burro, 'tu sabes tocar música de noite, podes tornar-te um músico da cidade'. O gato foi com eles e passaram pelo portão de uma quinta, onde estava sentado um galo que gritava a plenos pulmões. Quando lhe perguntaram o que se passava com ele, o galo disse que devia ir para a sopa, por isso gritava o mais que podia. "É melhor vires connosco para Bremen. Encontrarás algo melhor do que a morte em qualquer lugar. Tens uma boa voz, vamos fazer música juntos", disse o burro. O caminho para Bremen ainda era longo, por isso decidiram passar a noite na floresta. Quando o galo subiu a uma árvore, avistou uma luz ao longe. Os quatro jornaleiros foram ver e depararam-se com uma casa iluminada. O burro espreitou pela janela e viu uma mesa bem posta, com um bando de ladrões sentado à volta.

-

Os animais decidiram expulsar os ladrões da casa. Para isso, o burro pôs-se de pé com as patas da frente no parapeito da janela, o cão subiu para as costas do burro, o gato para o cão e o galo para o gato. Todos começaram a sua música ao mesmo tempo: o burro zurrou, o cão ladrrou, o gato miava e o galo cantava. Depois, irromperam pela janela que dava para a sala de estar, de tal modo que os vidros fizeram barulho. Os ladrões saltaram com o grito terrível, pensaram que um fantasma estava a entrar e fugiram para a floresta. Agora os quatro músicos podem comer até se fartarem. Depois apagaram a luz e adormeceram. O burro deitou-se no monte de estrume, o cão junto à porta, o gato junto ao fogão quente e o galo na viga do galo.

Quando os ladrões viram, à distância, que a casa estava às escuras, o capitão mandou um deles verificar. O ladrão encontrou tudo calmo e foi até ao fogão para acender o lume. Pensou que os olhos brilhantes do gato eram carvões e acendeu um fósforo. O gato sibilou e bateu-lhe na cara com as garras. O ladrão assustou-se e saiu a correr. À porta, o cão mordeu-lhe a perna e, quando atravessava o quintal a correr, passando pelo monte de estrume, o burro deu-lhe um coice. O ladrão correu o mais depressa que pôde para o seu capitão e disse: “Está uma bruxa em casa, ela assobiou para mim e arranhou-me a cara. Há um homem à porta com uma faca que me esfaqueou na perna. No pátio, um monstro negro bateu-me com um bastão de madeira. E o juiz gritou do telhado: “Tragam-me o malandro! E eu fugi”. A partir daí, os ladrões nunca mais se atreveram a ir lá a casa. Mas os quatro músicos gostaram tanto que ficaram por lá.



Trabalhar o valor: Democracia

Para trabalhar a democracia, esta poderia ser a história ideal. Sendo uma história infantil bem conhecida, explora o rei e a forma como ele pensa que é visto pelas pessoas em quem confia e pelos seus subordinados.

Explorando as diferentes personagens e a organização da sociedade, distinguindo as características de uma democracia, pode ser interessante explorar a escolha do líder numa sociedade, como se deve comportar e quais as bases de uma sociedade digna, justa e democrática.

Hans Christian Andersen

“A Roupas Nova do Imperador”



Era uma vez um imperador que era obcecado por roupas. Gastava todo o seu dinheiro nas melhores roupas, e queria sempre usar algo novo e impressionante. A principal preocupação do imperador era ter uma boa aparência, de tal forma que não se preocupava muito com o seu povo ou com o seu reino.

Um dia, dois vigaristas chegaram à cidade do imperador. Afirmavam ser mestres tecelões e diziam que conseguiam fazer as roupas mais bonitas que se possa imaginar. Mas estas roupas eram especiais - eram invisíveis para quem fosse tolo ou não estivesse à altura da sua posição. O imperador, intrigado com a ideia de ter uma roupa tão mágica, decidiu contratá-los.

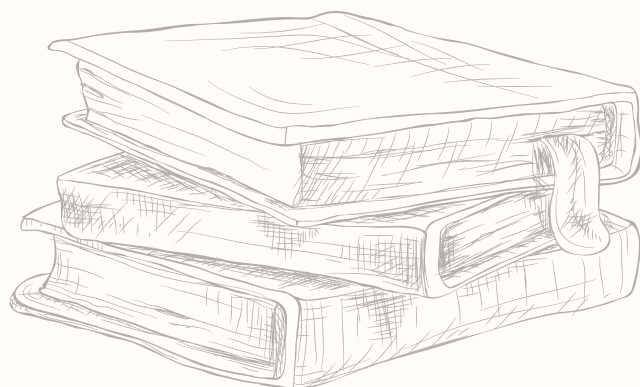
Os tecelões montaram os seus teares e fingiram que estavam a trabalhar. Pediram os melhores fios de seda e de ouro, que guardaram secretamente para si, e continuaram a “tecer” o tecido invisível. O imperador enviou os seus ministros de maior confiança para verificar os progressos. Quando chegaram, os ministros não viram nada. Mas, não querendo parecer tolos ou incompetentes, elogiaram o tecido e disseram ao imperador como estava magnífico.

Em breve, o próprio imperador foi ver as roupas. Tal como os seus ministros, não viu nada, mas não o quis admitir. Em vez disso, exclamou como as roupas eram maravilhosas. Toda a cidade fervilhava de entusiasmo com a nova roupa do imperador, embora ninguém a tivesse visto de facto.

Finalmente, chegou o dia de o imperador mostrar a sua roupa nova. Os tecelões ajudaram-no a vestir a sua “roupa” e o imperador desfilou pelas ruas num grande cortejo, exibindo orgulhosamente as suas roupas invisíveis. O povo, não querendo parecer parvo, fingiu admirar a sua nova roupa, aplaudindo e aclamando.

Mas então, uma criança pequena na multidão falou. “O imperador não está a usar roupa nenhuma!” exclamou a criança. Lentamente, a multidão começou a murmurar e, em breve, todos se aperceberam da verdade - o imperador não tinha mesmo nada vestido.

O imperador, apercebendo-se de que tinha sido enganado, corou de vergonha. Mas continuou o desfile, tentando manter a sua dignidade, apesar de todos saberem a verdade.





Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.